

Entre os fiapos da poesia de Arlindo Barbeitos: um sonho de libertação

REGINA CÉLIA VAZ RIBEIRO GONÇALVES

Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Este texto pretende analisar a poesia de Arlindo Barbeitos, aludindo à questão da linguagem como possibilidade de expressão do homem que sofre, entrelaçado aos fiapos existentes entre a guerra e a paz, a palavra e o silêncio, a memória e o esquecimento, a natureza e a cultura, vivendo sua dura realidade de luta diária, mas sonhando com um fiapo de libertação.

Palavras-chave: Guerra; Natureza; Palavra; Silêncio; Libertação.

Com um texto poético aparentemente simples, em que canta a natureza, Arlindo Barbeitos, poeta e ficcionista angolano, apresenta-nos uma obra que, se por um lado nos faz pensar na guerra que vem disfarçada em versos fragmentados e estilhaçados na natureza, por outro lado apresenta uma temática que apela para o cotidiano, para a simplicidade da rotina, para a natureza ou para o sonho como algo leve e livre, como nos sugerem alguns títulos de suas obra: *Nzaji* (Sonho) (1979); *Fiapos de Sonho* (1992); *Na leveza do luar crescente* (1998). Tanto a dureza da realidade da guerra quanto a leveza da vida simples e da natureza refletem, em sua literatura, a memória e a identidade de seu povo.

Desde a década de 70, quando lançou sua primeira obra, o leitor já poderia observar que Arlindo Barbeitos produzia uma poesia como instrumento de libertação. Seus poemas se distanciaram da construção da poesia africana preocupada em denunciar as mazelas do colonialismo, que desencadearia em uma literatura de protesto após o início da guerra colonial, que vigorou até 1975 no continente africano. A obra de Arlindo Barbeitos não é eloquente e não faz uma crítica explícita à conjuntura social desestruturada pela guerra. Contudo, há críticos que consideram Barbeitos como um dos nomes da década de 70, ao lado de

David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho, que mais contribuíram para a transição estética e temática das letras angolanas.

A poesia de Barbeitos foi inspirada não somente em uma situação de guerra, mas também em uma luta diária não armada. Segundo o autor, “a guerra e a situação colonial não se podem separar, são os dois lados da mesma medalha, são a grande barriga onde cresce toda a minha poesia.” (BARBEITOS, 1976, p. 13). Ele continua afirmando que a guerra nos apresenta o lado mau, tenebroso, terrível, a luta sofrida de um povo mas, por outro lado, ela nos liberta.

Se não falo de luta armada mas de guerra é porque a guerra é algo de mais vasto do que a luta armada. A guerra é o trabalho dos camponeses (...) a guerra é a canção maravilhosa daquela mãe que traz pela mão uma criancinha e fala de independência (...) a guerra é a vida quase banal do dia a dia em situações extremas. (BARBEITOS, 1976, p. 20).

A guerra faz parte do cotidiano do homem africano e está presentificada nas migalhas dos versos sintéticos do poeta que narram o sofrimento e a alegria da rotina diária, no aguardo de dias melhores. Nesse sentido, afirma o poeta: “a pessoa que lutou e chorou, pouco depois dançará, capinará, dormirá. O inimigo até talvez esteja perto. Quem o sabe? A guerra pode ser uma esperança de paz.” (BARBEITOS, 1976, p. 21).

Houve um tempo
em que as despedidas
eram acompanhadas de lágrimas
conselhos bolos e lenços brancos

senhoras usando amplos chapéus
e alvas blusas de renda
se desfaziam em prantos
e gestos de filme mudo

enquanto
afastados outros meninos quedos
e descalços
segurando malas e cestas
olhavam indiferentes. (BARBEITOS, 1998, p. 12).

Percebemos, ainda, que da mesma forma que a guerra apresenta os dois lados de sofrimento e alegria, a poesia de Barbeitos apresenta também dois aspectos distintos: palavra e silêncio projetando na linguagem da tristeza um silêncio de um entardecer que afoga:

ao entardecer
uma sombra de palavra
se dobra
devagarinho
sobre
a opaca profundidade
do silêncio
que

nos afoga
ao entardecer. (BARBEITOS, 1998, p. 20).

Assim, poderíamos afirmar que a poesia de Barbeitos é uma poesia silenciosa que fala e não diz, sugere:

A poesia não deve fazer mais que sugerir; ela é um compromisso entre a palavra e o silêncio, não o silêncio de quem não tem nada para dizer, mas o silêncio que é o sumo de muita coisa. Então o poeta traduz. Ele (o poeta) é uma boca, e deve ser a boca daqueles que não têm boca. (BARBEITOS, 1976, p. 8).

Portanto, a poesia, ao falar da natureza e da realidade absurda da guerra, nos sugere a possibilidade da existência de um mundo silencioso, harmonioso, repousante e em paz para os animais, assim como para o homem:

Distraída na verdura
A garça branca
Repousa sobre uma pata só

Apodrecido na morte
O soldado preto
Nem pernas tem. (BARBEITOS, 1998, p. 36).

O poeta é quem traduz a voz silenciosa do sofrimento humano no poema. A tradução é um tecido textual que transcriba a realidade, criando novas possibilidades. Assim, silenciar na construção do poeta e na vida do homem africano não significa encerrar, mas pode indicar um recomeço, uma espera ou uma esperança de mudança, um aguardar de uma nova situação. Silenciar pode ser um fiapo de sonho. Afirma o autor:

Quer dizer, este grande silêncio não é ausência, não é vazio. Este grande silêncio é talvez o começo de muita coisa, até o fim; é uma espécie de ovo, por assim dizer, é o momento onde pode começar a gestação, 'onde toda a tempestade começa e acaba', 'mas dança', tem vida. Uma criança quando nasce não fala, mas berra e mexe, 'mas dança em palavras feitas gesto'. (BARBEITOS, 1976, p. 11).

A poesia de Barbeitos se caracteriza também pela harmonia existente entre palavra e leveza. A ausência de rima e, principalmente, de pontuação já nos sugere uma poesia que dança na leveza do luar crescente, podendo seguir o ritmo e o curso determinados por aquele que a lê. Além da forma livre, a linguagem sugere algo leve como borboleta, sensível como a flor:

Sonha
o botão com uma primavera tardia
a medo
ainda vacilante ele desabrocha
e
logo a borboleta distante
o presente

será que a alma da flor
e
a sombra da borboleta
alguma vez se encontraram. (BARBEITOS, 1998, p. 14).

Percebemos, ainda, pela linguagem poética de Barbeitos, que o homem de África é um homem inserido e aderido à natureza, pois, o nascer, o crescer, o sofrer e o morrer do homem o identificam com a natureza. Enquanto o crepúsculo trazia consigo uma transparência que proporcionava visualizar por entre a penumbra, a sombra, a tristeza, as “negras marcas de um pesadelo” (BARBEITOS, 1998, p. 23), o luar proporcionava uma claridade como possibilidade de ver os caminhos, os esconderijos, os campos minados, para poder circular com segurança sem cair nas armadilhas do inimigo. Tudo apodrece ao mesmo tempo, homem e folhas, e toda esta mudança de estado em conjunto é uma forma de linguagem: “um homem de chuva/jaz morto no chão de folhas podres” (1976, p. 39) Diz o autor: “esta poesia é também um fazer a natureza falar.” (BARBEITOS, 1976, p. 8).

Afirma o autor que “meter-se por Angola adentro não é só meter-se pela paisagem, é meter-se pelos homens adentro, pelos homens que não vivem contra a natureza.” (BARBEITOS, 1976, p. 8). Assim, enquanto na quietude cristalina da alvorada a natureza animal e vegetal – patos, hipopótamo, jacaré, garça, sapos, canavial, brisa, arvoredos, fumo – seguiam sua trajetória determinada, “o tiro ribombava assassino” (BARBEITOS, 1998, p. 26) perfurando, estraçalhando e transformando a ordem natural da vida, silenciando o universo. Face à estupenda agressão da guerra, resta somente a linguagem do silêncio, pois a boca seca e as palavras somem:

Secas
As palavras despegam-se
Das coisas e da gente
Como pele de cobra
Em tempo de muda. (BARBEITOS, 1998, p. 28).

Secos também estão os seios que o filho não despega, pois necessita estar atado, preso à sua origem natural, assim como o homem africano necessita estar ali vivenciando a agressão da guerra e silenciando para suportar a sua luta em favor da sua mãe terra natal:

Murchos estão os seios
Que
O menino agarra. (BARBEITOS, 1998, p. 29).

Se o tiro é assassino e se os seios secam, a pergunta surge imediatamente: o que sobra? E logo, o poema nos responde: “sobra o silêncio vazio e amargo da morte.” (BARBEITOS, 1998, p. 29). Sobra o cadáver sem nome, desconhecido, sem identidade, porque seu nome despegou da sua pessoa e somente a natureza seca será capaz de cumprir os rituais fúnebres:

O cadáver desconhecido
Que
A brisa recobre de folhas secas. (BARBEITOS, 1998, p. 30).

A Enciclopédia Einaudi (1987) esclarece que, por palavra, deve-se entender uma faculdade de expressão não só oral, mas uma realização individual. Assim, o homem se constitui, realiza-se, atualiza seu potencial como ser na linguagem e, quando não há expressão verbal, quando a linguagem seca e as palavras se tornam cacos, o homem também se consome, não se realiza, escorrega pelo lodo das palavras e se estatela no fusco charco da amargura (BARBEITOS, 1992, p. 23), pois até mesmo seus sonhos se tornam fiapos:

Teus dedos nocturnos vão
Pelos monturos catando
Ilusões perdidas cacos de palavras
E fiapos de sonho. (BARBEITOS, 1998, p. 21).

Quando Barbeitos lança seu olhar para o passado e depara-se com a realidade atual da guerra, ele nos deixa claro três aspectos distintos que se encontram emaranhados um no outro: memória, esquecimento e silêncio. Seus poemas relembram fatos passados, esquecendo uns, silenciando outros. Relembrar a guerra exige um esquecer, por mais paradoxal que isso pareça, porque surge, juntamente com o trabalho de memória, uma necessidade de esquecimento para apagar o insuportável, o traumático, o sofrido. (RICOEUR, 2000). Além disso, numa sociedade em que grupos majoritários tentam se impor, a memória coletiva de grupos dominados tenta silenciar-se como se fosse um esquecimento:

A fronteira entre o dizível e o indivizível, o confessável e o inconfessável, separa, (...), uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

As lembranças aqui seriam fiapos que vão sendo tomados para tecer a teia da memória e do esquecimento, deixando no entrelugar, nas encruzilhadas, os silêncios, os hiatos, os abismos que a linguagem não consegue exprimir. Relativamente ao silêncio, Pollak afirma que “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.” (1989, p. 5). Portanto, o silêncio tem a sua voz muda que aguarda o transcurso do tempo para expressar, pois não há esquecimento:

Na encruzilhada
Da lembrança e do esquecimento
A roda
De figurantes
Ciranda
Por poalha
De palavras e gestos em vão. (BARBEITOS, 1998, p. 25).

Devemos esclarecer que o “eu lírico” de Barbeitos, ao se identificar com a natureza não significa desejo de retorno sentimental a um eu-romântico ou a uma posição reacionária ou, até mesmo, de isenção relativamente à crise política vivida pelo povo angolano. Ao contrário,

sua poesia tenta, em um exercício de memória/esquecimento, recordar, retomar e valorizar a cultura da terra, da natureza, tão usurpada pelo colonialismo.

Assim, no exercício de sua liberdade artística, o autor constrói uma obra alicerçada na memória, uma vez que recorda histórias passadas tentando, ao mesmo tempo, esquecer alguns fatos ou, até mesmo, silenciá-los a fim de que o homem africano pudesse viver na esperança de dias mais felizes.

Barbeitos mostra claramente a necessidade do regresso a formas tipicamente africanas, assegurando uma continuidade, uma manutenção da identidade africana, apesar das fraturas, das rupturas criadas nessa sociedade. A fragmentação existe, mas em cada fiapo de festa, de dança, de cerimônia, há algo a recordar, a lembrar, a buscar o fio original para tecer a história na tessitura do poema. Na fiação das histórias, homem e paisagem, ora se misturam, ora deixam perceber que sempre há algo para além da paisagem, do rio, do homem que é silêncio, da impossibilidade de expressão:

por detrás
da paisagem destes dias
fica uma outra
em mim

por baixo
deste rio silente
corre um outro
em mim

por detrás
de mim
anda uma sombra
em sentido contrário. (BARBEITOS, 1998, p. 40).

Toda lembrança e toda recordação é acompanhada pela noção de tempo. Segundo Santo Agostinho, o tempo não dever ser percebido linearmente como passado, presente e futuro. Ele é passagem que está intimamente ligado à memória, à alma, à *anima*, apresentando três versões do presente : passado-presente ou memória; presente-presente ou atenção; presente-futuro ou expectativa. Segundo Agostinho, o trânsito do tempo consiste em ir do futuro pelo presente dentro do passado, esquecendo a espacialidade do lugar de trânsito, concentrando sobre a diáspora, sobre a dispersão desta passagem, pois o tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados, mas um contínuo, um indivisível, uma distensão da alma. Barbeitos (1998) nos apresenta um passado-presente quando lança um olhar presente para o passado, com consciência, com uma nova visão de realidade: antes, vinham pássaros; depois, vinham estranhos; agora, vêm soldados e matam homens.

Memória e esquecimento estão intimamente vinculados à temporalidade, pois a memória percebe a dor no tempo e no espaço em que o esquecimento precisa corroer, mas que ainda não conseguiu.

Então, como suportar o presente, já que lembrar é doloroso e esquecer é impossível?

Pontual
O relógio da dor
Vai marcando o tempo
Que
A ferrugem do esquecimento
[Ainda não roeu

Para além dos portões da memória
Passa negligente
O cortejo dos homens e das coisas. (BARBEITOS, 1992, p. 31).

A poesia de Barbeitos viaja, vagueia, desliza no oceano da terra natal, mergulhando no sonho da cultura, não com um compromisso com a guerra mas, como afirma o autor, com um compromisso com a poesia que expressa a luta do homem africano em reapossar-se de si mesmo e de sua natureza, que somente lhe pertencem, sonhando com um futuro que resgate sua identidade:

a nossa terra
é um imenso oceano
tropical
que do Índico ao Atlântico
a gente devagar
vai contornando em jangada
de vento e saudade

pelo tamanho do mar

ora
de tanta arribação
dá
pra vagando enjoar

ora
de tanto remanso
dá
pra vagando sonhar. (BARBEITOS, 1998, p. 7).

Contudo, esta viagem poética é um trânsito, uma travessia entre a guerra e a paz, a palavra e o silêncio, a natureza e o homem, a memória e o esquecimento, o viver e o sonhar pois, acima dessa terra sofrida e sangrenta, há uma lua que, de tão leve, flutua no mar do céu estrelado e cresce, cresce na esperança de harmonizar este entrelugar que existe entre o céu e a terra de África, onde deve estar a ideia utópica: libertação:

Aonde ides
Vagos passageiros
Do acaso
A continentes de parte alguma
A terras de lugar nenhum. (BARBEITOS, 1992, p. 33).

Résumé

Ce texte prétend analyser la poésie d' Arlindo Barbeitos en faisant allusion à la question du langage comme possibilité d' expression de l' homme qui souffre, entrelacé aux morceaux qui existent entre la guerre et la paix, le mot et le silence, la mémoire et l' oubli, la nature et l' homme, en vivant sa dure réalité de chaque jour, mais en rêvant avec un petit morceau de la liberté.

Mots-clé: Guerre; Nature; Mot; Silence; Libération.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: 1969.

AREAS, Vilma. A prosa de Arlindo Barbeitos e o estilo misturado do colonialismo. In: CHAVES, Rita ; MACEDO, Tânia (Org.) **Marcas da Diferença**. As literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, p. 189-195, 2006.

BARBEITOS, Arlindo. **Angola, Angolê, Angolema**. Lisboa: Sá da Costa, 1976.

BARBEITOS, Arlindo. **Fiapos de Sonho**. Lisboa: Palavra Africana, 1992.

BARBEITOS, Arlindo. **Na leveza do luar crescente**. Lisboa: Caminho, 1998.

BARTHES, Roland; FLAHAULT, François. Palavra. In: ROMANO, Ruggiero (Dir). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 11, p. 118-136, 1987.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3 – 15, 1989.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l' histoire, l' oubli**. Paris: Seuil, 2000.